

BLUMENAU

em Cadernos



TOMO V — JANEIRO DE 1962 — N.º 1

Fábrica de Tecidos Carlos Renaux S. A.

BRUSQUE -- SANTA CATARINA

(Fundada em 1892)

“ R E N A U X ”

UMA TRADIÇÃO NA INDÚSTRIA TÊXTIL NACIONAL
TECIDOS DE ALTA QUALIDADE
CÓRES FIRMES E
ACABAMENTO PERFEITO

**FILIAIS EM PÓRTO ALEGRE E BLUMENAU
REPRESENTANTES EM
RIO DE JANEIRO — SÃO PAULO — RECIFE — SALVADOR
BELO HORIZONTE — FORTALEZA
MACEIÓ**

BLUMENAU

em CADERNOS

TOMO V

JANEIRO — 1962

N.º 1

OUTRA DÚVIDA.

J. Ferreira da SILVA

Nas minhas constantes andanças por êste maravilhoso Brasil a fora, dei, há pouco, com os costados na cidade do Rio Grande, a simpática “noiva do mar”, como a batizaram.

Tôda engalanada para as comemorações da primeira “Festa do Mar”, com que pretende a “nubente” homenagear, anualmente, em dezembro, o “noivo” pródigo e bom, a cidade ferve de gente vinda dos mais variados recantos da terra gaúcha e de outros Estados brasileiros.

Uma bonita festa em que não faltou, como é de justiça, um preito de gratidão ao padroeiro da cidade e que fôra, também, da heróica e valorosa Província do Rio Grande de São Pedro.

E a secular imagem do príncipe dos apóstolos passeou, em barca embandeirada e florida, pelo largo canal, acompanhada de uma imensidão de outras embarcações, ao espoucar de foguetes, aos violentos acordes de bandas marciais, de mistura com os apitos dos vapores, grandes e pequenos, surtos no pôrto, das fábricas e do badalar alegre de sinos anosos e rouquinhos.

Uma estranha imagem de São Pedro, essa que sai nas procissões. Ao contrário das que costumamos ver nos altares de muitas igrejas, e mesmo no nicho do altar-mór da secular matriz riograndina, envergando simples túnica e manto de côres vivas, com as tradicionais chaves numa das mãos, esta aqui está revestida de paramentos papais, com brilhante tiara e demais insígnias de chefe da igreja católica. Do pescoço, entretanto, pende-lhe a cruz grega, de quatro braços, o que faz muita gente suspeitar que aquêle São Pedro não foi moldado para ser São Pedro, mas sim o grande Papa São Gregório Magno, de gloriosa memória.

Mas, seja lá como fôr, continua valendo a boa intenção.

No meio de tanta festa e ainda das preocupações resultantes do desempenho dos deveres profissionais que, até ali, me haviam levado,

não esqueci de que estava na cidade que se originou do forte "Jesus, Maria e José", fundado pelo nosso brigadeiro Paes Leme, como sentinela avançada, no extremo sul, contra as pretensões de conquistas dos espanhóis confinantes.

E acudiu-me, também, que fôra aí que o nosso tão injustiçado Agostinho Alves Ramos — que deve ser considerado o fundador de Itajaí — começou a sua carreira de comerciante.

Revendo velhos livros da Câmara de Pôrto Belo, certa vez, descobri que Alves Ramos, anteriormente a 1820, mandara registrar na Câmara do Rio Grande a sua matrícula de comerciante "autorizado e aprovado".

E acontece que, no mesmo livro de Pôrto Belo, em que se encontra o registro daquela matrícula, acha-se, também, o da patente de cirurgião de seu cunhado Pedro, o "doutor jaguatirica", com a indicação de que fôra, antes, registrado no livro competendo da câmara municipal de Rio Pardo, onde o esculápio era cirurgião militar.

(Aliás, já tornamos públicas as provas de que a citada patente de cirurgião, fôra dada de favor, sem que o interessado tivesse os cursos legais, nem os exames exigidos).

Ora, sendo Alves Ramos comerciante em Rio Grande e o cunhado cirurgião na mesma província, era mais do que justificável a suposição de que o seu casamento se tivesse verificado ali. Ocorreu-me, então, a idéia de dar uma busca nos livros da paróquia.

E, graças à bondade do cônego Francisco Hillmann, secretário da Cúria Diocesana de Pelotas, tive acesso ao seu precioso arquivo. O cônego Hillmann é nosso conterrâneo, filho de São Ludgero, Tubarão e, desde que se ordenou, há várias décadas, exerce o seu ministério no Rio Grande do Sul.

Foi-me agradável surpresa descobrir, no livro n.º 4, de casamentos, como bem me palpitara, o assento de casamento de Agostinho Alves Ramos com dona Maria Rita, celebrado a 14 de outubro de 1813, ano em que a freguesia do Rio Grande de São Pedro era elevada à categoria de Vila.

O ato, celebrado pelo Vigário Francisco Inácio da Silveira teve lugar às oito horas da noite e em casa, possivelmente de um dos noivos. No termo, os nubentes são dados, ambos, como naturais de Portugal. Essa afirmativa contraria o que deixou escrito, sôbre a vida de Alves Ramos, o rábula José Mendes da Costa Rodrigues. Este, no calhamaço manuscrito que legou à posteridade, assegura que Alves Ramos era natural da província do Rio de Janeiro.

Quanto à naturalidade da espôsa não há dúvidas. Nascera em Portugal, na aldeia de Peniche, donde também o irmão era natural.

Uma circunstância, que não me passou despercebida, leva-me a dar, nesse detalhe, relativo crédito ao assento de casamento. Esse registro foi, evidentemente, feito em duas etapas. Naturalmente, para adiantar o trabalho, o vigário começou a lavratura da ata, escrevendo as indicações de praxe, como do dia, hora, mês, ano, lugar e referências às denúncias canônicas, à ausência de impedimentos, provisões paroquiais, etc. As demais indicações, como os nomes e naturalidade dos cônjuges e o encerramento estão com outra tinta, sinal evidente

de que foram lançados depois do casamento. Por isso mesmo, talvez, é que é de lamentar-se o fato de não constarem do termo outros dados relativos à identidade dos cônjuges, afirmando-se ali, apenas: "cuja filiação e naturalidades se não acha".

Foi-se-me, assim, uma excelente oportunidade de saber, com segurança, dados biográficos essenciais de Agostinho Alves Ramos, persistindo, ou melhor, criando-se agora a dúvida sobre o lugar do seu nascimento.

Espero, porém, esclarecer êsse pormenor nos livros da paróquia de Itajaí, onde, certamente, deve constar o assento de óbito do grande impulsionador do povoamento e do progresso do Vale do Itajaí.



Em consequência do enorme aumento do custo do papel e da mão de obra, a tipografia que edita êste mensário, foi forçada a aumentar-nos o preço de cada edição em vários milhares de cruzeiros. Vemo-nos, assim, também, obrigados a elevar para Cr\$ 300,00 o valor da assinatura do tomo V (1962) que se inicia com êste número. A nossa tabela de preços de anúncios também sofreu modificações. Esperamos que os nossos prezados leitores e anunciantes compreendam os motivos que nos forcem a tomar essas providências e continuem a auxiliar-nos para que consigamos vencer os enormes tropeços que estamos encontrando para a publicação regular desta revista.

Tôda a correspondência para **BLUMENAU EM CADERNOS** deverá ser dirigida para a Caixa Postal, 2675, em Curitiba, Paraná, destinada ao sr. J. Ferreira da Silva.



A CAPA do tomo V, que se inicia com êste número, é uma sugestão do nosso prezado amigo e colaborador, dr. Carlos Ficker, de Joinville, que nos ofertou o respectivo clichê. Êste reproduz o desenho de J. Bruggmann, datado de 1866, da sede da colônia Blumenau naquele ano. Dados a respeito dêsse pintor se encontram na página 185 do tomo IV dêstes "Cadernos".

Aos nossos leitores

Fazemos um apêlo aos nossos prezados leitores que possuírem algum exemplar do **RELATÓRIO DO PREFEITO MUNICIPAL DE BLUMENAU**, relativo ao ano de 1949 (impresso na Tipografia Blumenauense em 1950) no sentido de cederem êsse exemplar ao nosso arquivo, por doação ou mediante pagamento. Antecipamos agradecimentos a quantos, sobre o assunto, se dirigirem ao nosso endereço: "**BLUMENAU EM CADERNOS**", Caixa postal, 2675 — Curitiba — Paraná.

CENTENÁRIOS DE 1962

O ano que se inicia relembra fatos de importância histórica. O primeiro deles é a fundação de Destêro, hoje, Florianópolis, ocorrida em 1662, há quatrocentos anos, portanto. Lucas Boiteux, na sua apreciada obra "Notas para a história catarinense", baseado em vários autores, assegura que Dias Velho... "encantado com as terras encontradas na Ilha de Santa Catarina, em 18 de abril de 1662 partiu de São Paulo com sua mulher, d. Maria Pires Fernandes, dois filhos..." etc. para povoá-las, construindo uma ermida "que pôz sob a invocação de N. S. do Destêro, talvez pela soledade do sítio". Há, é verdade, discrepâncias quanto à data da chegada do primeiro povoador. O momento é oportuno para se debater o assunto. Assentada a verdade dêsse e de outros pronunciamentos, não seria o caso de comemorar-se condignamente o evento?

A 9 de julho dêste ano, passará o centenário da criação de uma aula de instrução primária (a primeira escola pública) do sexo masculino, em Gaspar. Gerônimo Durschi foi, no dia seguinte, por ato do presidente da província, nomeado professor dessa escola. Ambos os atos são de 1862.

A 19 de julho de 1862 foi também criada a primeira escola pública de Barra Velha (freguesia de São Pedro de Alcântara e N. S. da Conceição), então pertencente a São Francisco.

Por ato de 15 de novembro de 1862 foram efetivadas as professoras interinas de São Pedro de Alcântara e da Colônia de Brusque, Cristina Otilia Apolônia von Buettner e Augusta Sofia von Knorring, de que já temos tratado nestes "Cadernos".

Em 1862 (há cem anos passados), na administração da Colônia Blumenau empregavam-se os seguintes funcionários: Dr. Hermann Blumenau, diretor; Hermann Wendeburg, guarda-livros e vice-diretor; João Breithaupt, agrimensor; Osvaldo Hesse, pastor protestante; Pe. Francisco Gattone, vigário católico (residindo em Gaspar); dr. Bernardo Knoblauch, médico; Vítor von Gilsa, professor público e Guilherme Friedenreich, sub-delegado de polícia. A população da colônia era de 2.058 almas, sendo 1.082 do sexo masculino e 976 mulheres. 283 era o número de católicos e 1775 o de protestantes.

Nas nossas próximas edições, publicaremos os quadros relativos a essa população, ao número de artífices existentes na colônia, bem como os relatórios completos do dr. Blumenau, relativos a êsse ano e pelo qual os nossos leitores terão uma exata idéia do que era Blumenau há cem anos atrás.

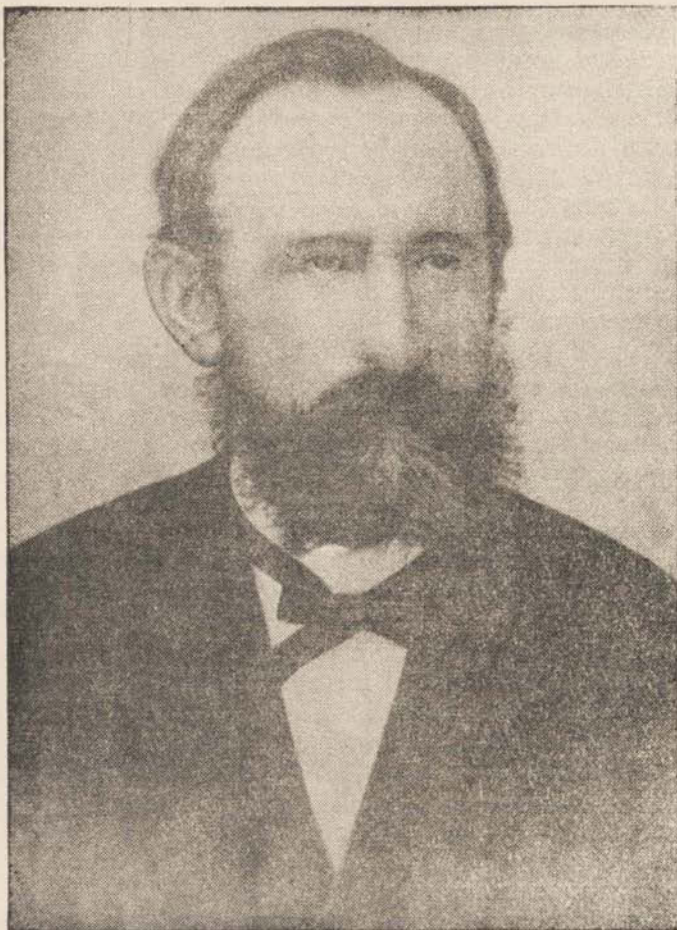


Em janeiro de 1928, a Nona Companhia de Metralhadoras pesadas, estacionada em Blumenau, foi transferida para o Rio Grande do Sul. Nesse mesmo mês, em 1926, o Conselho Municipal de Blumenau criou a Seção de Obras Públicas. A 1.º de janeiro de 1915, assume o governo do município o sr. Paulo Zimmermann que fôra eleito, no ano anterior, Superintendente municipal para o exercício de 1915 a 1918.

LA MAISON DE JOINVILLE

O palácio dos príncipes e a sua história.

DR. CARLOS FICKER



Frederico Brustlein, o benemérito diretor da Colônia Dona Francisca, em cuja administração foi construído o palácio dos príncipes, de que trata o presente artigo.

As dificuldades técnicas surgidas com o terreno pantanoso e de pouca resistência para uma construção de material, encontramos detalhadamente descritas num relatório "Notes sur la maison de Joinville" enviado ao administrador em Paris.

No Joinville de 1867 a maior parte das casas era construída de enxaimel, não necessitando fundamentos e alicerces reforçados. Começa o relatório com a descrição do local da construção, nos fundos

do terreno de 5 hectares e na entrada do terreno de 1 hectare comprado pelo Snr. Mathorel, no local mais alto e seco. Prossegue o relatório: "as casas antigas construídas de material em Joinville, a igreja protestante, as casas dos Snrs. Aubé, Bemba e Lepper construídas em terra firme, não precisavam de fundamentos. A Igreja católica e a loja maçônica, construídas sobre uma colina, receberam os alicerces geralmente usados. Uma única casa em Joinville, construída sobre terrenos pantanosos nos lugares mais baixos da cidade, é a residência do Senhor Kroehne, arquiteto da Sociedade Colonizadora. Esta casa, cujos muros de fundamento estão à altura do rés-do-chão são feitos de pedras de granito bruto, está assentada sobre troncos de árvores em sentido longitudinal e não ligados entre si. Sob as cumieiras foram colocadas pranchas de madeira. Tenho de acrescentar que as paredes de tijolos não passam de 25 cms. de espessura e a casa é somente de um pavimento. Eu quero aperfeiçoar este sistema, substituindo a madeira não ligada entre si por vigas e longarinas juntadas e assentadas sobre uma base de pranchas de madeira de lei de 80 cms. de largura, formando assim um fundo econômico e bastante firme para suportar uma construção tipo sobrado.

O plano da divisão interna é feito de maneira que divide a carga uniformemente sobre a superfície toda. A casa receberá um terraço em 3 lados, igual à antiga casa, evitando a penetração de umidade que provoca em geral no interior da casa mofo e bolor nas paredes. Ao mesmo tempo evita a infiltração de umidade do chão saturado de água que apodrece o assoalho em pouco tempo. Finalmente o terraço (varanda) ajuda espalhar o peso do telhado à uma área bem maior e diminuir o peso por centímetro quadrado. A divisão interna da casa, as dimensões das salas serão baseadas nas medidas duma casa média em Paris.

Era este o plano primitivo, antes de fazer contrato com os pedreiros e o carpinteiro. Escolhi os melhores na praça, pelo menos os de maior responsabilidade. Mostrei a eles o lugar da futura construção para saber se por acaso encontrassem alguma dificuldade. Depois de verificar tudo, não encontraram obstáculo ou dificuldade.

As vigas e pranchas para a base com o trabalho das escavações. O tempo era muito chuvoso e o terreno antes mais ou menos firme, se transformou num brejo assim encharcado que de mão livre consegui fincar uma taquara a uma profundidade de 1.50 a 1.75 mts.

Mandei então chamar o pedreiro que trabalhou na casa do Snr. Kroehne. Este confirmou que o terreno realmente era bem pior que no local da construção do arquiteto acima mencionado. Era este um dos momentos mais dramáticos para mim e confesso que somente depois de uns dias tomei nova iniciativa e modifiquei definitivamente o sistema dos fundamentos (...La première, la principale et la plus couense, la seule que je ne regrette pas quelques fois, malgré la dispense, c'est le changement des fondations!"...). Apesar de que um fundamento feito de alvenaria é muito mais dispendioso que o emprêgo de estacas, encomendei as pedras de granito, preferindo a responsabilidade da despesa maior à outra, de vêr a casa em ruínas antes mesmo de ser terminada.

Para atingir o funda da areia, a base sólida acima da qual tencio-
nei construir a casa, eu tinha de escavar 1.75 mtrs, em alguns lugá-
res até 2.20 mtrs. de profundidade e em 3 cantos da escavação até 3
metros! Logo após as escavações, os pedreiros levantaram a alvenaria
dos alicerces. As paredes laterais da escavação tínhamos que forrar com
pranchas de madeira, pois a terra era um lamaçal líquido que até pe-
netrou entre as fendas das pranchas...

Este relatório com a descrição detalhada dos trabalhos nos alicer-
ces do Palácio dos Príncipes tem seu valor histórico. Cem anos atrás
não se conhecia o emprêgo de concreto ou estacas de cimento para a
construção civil. Os fundamentos ou muros feitos de alvenaria e pe-
dras brutas de granito, foram juntadas com argamassa de areia, água
e cal, adicionando-se em geral óleo de peixe que favorecia o endureci-
mento da massa depois de sêca.

Prosseguindo na transcrição cronológica de dados sôbre a constru-
ção do Palácio dos Príncipes, tiramos de uma carta escrita em 2 de
julho de 1867 ao seu irmão em Paris, a seguinte informação: ... "ma
nouvelle maison avance lentement, en ce moment il y a deux maçons
e un menuisier..." e fazendo referência à casa antiga: ... "nous
sommes rongés litteralment par les vermine dans cette vieille maison,
ou tous les bois sont creusées par les termites..."

Encontramos informações preciosas nos balanços trimestrais en-
viados a Paris, durante os próximos anos. O espaço limitado não per-
mite a publicação de todos os detalhes entre material fornecido, paga-
mentos a fornecedores e adiantamentos de dinheiro para a mão de obra.
O empreiteiro da obra e ao mesmo tempo pedreiro era o Snr. F. Mueller,
de certo o conhecido construtor Karl Friedrich Mueller. Não fica bem
esclarecido nas cartas e balanços do Snr. Bruestlein, se o Snr. F. Muel-
ler pessoalmente trabalhou como pedreiro na obra ou forneceu a mão
de obra, prestando os seus serviços como empreiteiro. Conforme os
balanços, recebeu mensalmente "solde de la maçonnerie" por conta
entre 100 e 200\$000. Trabalhou na obra como carpinteiro o Snr.
Lewin, como marceneiro o Snr. Egg e mais tarde os Snrs. Borchert
e Sr. Stamm. As pedras de granito foram fornecidos pelos Snrs.
R. e G. Mueller, os tijolos e as telhas da olaria do Snr. Haltenhoff,
Lepper e Doerffel.

Em 20 de dezembro de 1867 o Snr. Frederico Bruestlein viajou ao
Rio de Janeiro, voltando apenas em 10 de março de 1868. Quando
partiu, os alicerces de nova casa estavam prontos e os pedreiros come-
çaram a levantar os muros e as divisões internas.

Na sua volta encontrou as paredes levantadas até o 1.º andar.
Em junho encontramos no balanço trimestral para o ano de 1868 a
importância de 107\$500 paga ao Snr. Lewin para a colocação das pran-
chas e vigas do 1.º andar. Em agosto do mesmo ano começa a demoli-
ção da casa antiga para aproveitar o material para a construção nova.
Os Snrs. Klemke e Rogner receberam 24\$200 ... "pour abattre la
vieille maison, avant qu'elle se démolière d'elle même..." Em setem-
bro, outubro e novembro as despesas aumentaram consideravelmente
com os serviços de carpintaria e marcenaria.

Passou assim o ano de 1868 com muita atividade. O ano de 1869 viu o serviço na "maison de Joinville" meio paralizado devido à viagem do Snr. Bruestlein à Europa. Em janeiro de 1869, quando partiu, o carpinteiro Lewin começou a construção do telhado e em maio do mesmo ano cobriram a casa na ausência do Snr. Bruestlein, de certo sem festa de cobertura. A cobertura feita por "diversas pessoas" como ajudantes, custou a importância de 5\$600!

O Snr. Frederico Bruestlein voltou da Europa em 20 de novembro de 1869 e na sua primeira carta ao administrador em Paris se queixa: "...la maison de Joinville a couté chère et a peu avancé en mon absence...". Mesmo assim espera de terminar a casa no ano em curso de 1870, justificando o preço elevado da construção com a alta de preços do material de construção em Joinville devido ao rápido crescimento da cidade e à falta de material na praça. Em dezembro de 1869 a casa recebeu o revestimento externo de rebôco.

No começo do ano de 1870 continua o serviço de revestimento externo e interno e a colocação de portas e janelas pelos marceneiros Borchert e Stamm, ficando a pintura a cargo do Snr. Ravache. Em 20 de maio de 1870 o Snr. Bruestlein comunica à firma E.Bocher em Paris: "...la maison de Joinville avance à grand pass, elle sera terminée en juillet ou aout..." e finalmente em 21 de novembro do mesmo ano de 1870: "...la maison est terminée..." falta apenas a pintura de umas portas no 1.º andar e alguma caiação "...et tout sera terminé pour le moment"...

Levando em consideração a situação difícil do representante do Príncipe de Joinville desde 19 de julho de 1870, data em que rompeu a guerra entre a França e Alemanha, cortando as relações entre os dois países, admiramos a habilidade política e administrativa do Snr. Bruestlein em prosseguir na construção da "maison de Joinville" aplicando assim as rendas líquidas da "Serraria do Príncipe" e da "Domaine Pirabeiraba" em tempo de guerra.

Acompanhamos cronologicamente o andamento da construção do "Palácio dos Príncipes" que afinal das contas não foi construído para servir de residência aristocrática à família Orléans, mas sim, em forma de simples "maison de Joinville" destinado para casa de administração na Colônia Dona Francisca. Não encontramos em carta nenhuma da época a designação da palavra "PALÁCIO". Aparece pela primeira vez num anúncio publicado na "Colonie Zeitung" de 23 de maio de 1874, que por curiosidade transcrevemos: "ARGOLINHA. Terá lugar a corrida às 3 horas da tarde em frente do PALÁCIO DE SUA ALTEZA o Snr. Príncipe de Joinville no dia 24 do corrente. E dará seu baile na casa do Snr. Kalotschke no mesmo dia. Outrossim quem achar a lista dos Socios da Argolinha entregar ao João Baptista que gratificará".

★

Tendo falecido no exercício do cargo de governador de Santa Catarina João Alberto de Miranda Ribeiro, sucedeu-lhe na direção dos negócios da capitania um triumvirato compôsto do Cel. José da Gama Lobo Coelho d'Eça, do Ouvidor Aleixo Maria Caetano e do vereador José Pereira da Cunha. Esse triumvirato governou até 8 de dezembro de 1800, tendo assumido o govêrno a 19 de janeiro, do mesmo ano.

Museu Arquidiocesano Dom Joaquim

PRIMÓRDIOS — A coleção histórico-científica organizada por Joca Brandão, de Itajaí, e doada por sua família ao Seminário de Azambuja, em 1933, com a condição de dar êste seminário estudo gratuito ao filho Alcino Brandão, foi a base do Museu Arquidiocesano Dom Joaquim.

Achava-se exposta esta coleção acrescida de uma coleção de objetos indígenas provinda do Seminário de S. Ludgero, de outra coleção de mineralogia e etnologia doada por P. Raulino Reitz e mais uma de animais empalhados adquirida pelo Seminário, numa sala do Seminário de Azambuja.

CAMPANHA DO MUSEU — Por ocasião dos preparativos para as Festas do 1.º Centenário de Brusque a Comissão Central mostrou grande interesse em que Azambuja organizasse o Museu do Centenário. Foi para isto nomeada a Sub-Comissão com os participantes seguintes: P. Raulino Reitz (Presidente), Gothard von Pastor (Vice-Presidente), Érico Contesini (Secretário), Dr. Alfredo T. Rusins (Técnico — Guanabara), Irmão Luís Gartner (Corupá), Armando Polli, Alberto Genrich, José Morelli, Adolfo Walendowski, Luís Strecker, Leopoldo Germer, Carlos Azambuja (Entomologia, Parasitos), Oscar Maluche, Odilo Silva (Canelinha), Cônego Agenor N. Marques (Uruçanga), João Bianchini (Minérios), Artur Jacowiski, Walfredo Carlos Piazza (Pinheiral), P. Ernesto Pretti (Piçarras), Curt Stoll, Manfredo Hoffmann, F. dos Sautos Trigueiros (Guanabara).

As atividades desta Sub-Comissão foram coroadas de pleno êxito, pois, durante 2 anos foram arrecadadas mais de 500 peças para o Museu. As doações não somente vieram de muitos municípios de Santa Catarina, mas até de outros Estados, como da Guanabara, Bahia, etc. A Secção de Arte religiosa foi muito enriquecida por doações dos Revdos. Vigários atendendo a um apêlo da Cúria Arquidiocesana. Esta cedeu o vasto e conservado prédio do antigo Seminário para o Museu cuja construção data de 1907, funcionando nele o primeiro hospital de Brusque. Assim, como por exemplo, apareceu um prédio espaçoso para o Museu, o que é questão insolúvel para a maior parte dos museus.

A Comissão Central dos Festejos concedeu um auxílio de Cr\$. . . 50.000,00 e um empréstimo de Cr\$ 500.000,00 para dois anos, sem juros, o que financeiramente possibilitou a instalação do Museu. As despesas totais do Seminário de Azambuja com a reforma do prédio, confecção da mobília, aquisição de coleções de animais empalhados, peças antigas, etc, foi de Cr\$ 700.000,00 (setecentos mil cruzeiros).

ORGANIZAÇÃO — Segundo as instruções do técnico Dr. Alfredo T. Rusins não se fez nenhuma modificação nas salas e salões do prédio para a instalação do Museu. As 22 salas postas à disposição foram magnificamente aproveitadas para a organização das diferentes secções baseadas em assuntos específicos.

Acha-se, pois, organizado o Museu da forma seguinte:

ANDAR TÉRREO

1. *Capela do imigrante com sacristia:* 2 salas com 83 peças, a saber,

objetos de culto, altar, imagens, livros litúrgicos, via sacra, telas, etc.
2. *Depósito*: sala com 996 peças.

1.º ANDAR

3. *Zoologia*: 3 salas com 645 peças, a saber, animais empalhados, insetos, crâneos, peles, ovos etc.
4. *Mineralogia*: 1 sala com 521 peças, a saber, minerais, rochas, fósseis, petróleo, etc.
5. *Botânica*: 1 sala com 146 peças, a saber, 60 espécies de madeiras catarinenses, fósseis, monstruosidades vegetais, frutos, etc.
6. *Etnologia e Arqueologia*: 2 salas, com 446 peças referentes ao nosso índio atual e o do sambaqui, a saber, flechas, arcos, túmulos, crâneos, balaios, ferramentas, remos, objetos de culto, etc.
7. *Instrumentos musicais*: 1 sala com 18 peças, a saber, gramofones, discos, livros musicais, instrumentos de corda, etc.
8. *Arte religiosa primitiva*: 1 sala com 28 peças, a saber, imagens de madeira executadas a canivete especialmente na colônia italiana do sul do Estado.
9. *Arte sacra*: 2 salas com 37 peças, a saber, imagens barrocas sobressaindo o grupo de Nossa Senhora do Destêrro venerado na antiga Matriz de Destêrro (hoje Florianópolis), nichos, altares, sinos, etc.
10. *Gabinete do Diretor e biblioteca*: 1 sala com publicações museológicas.
11. *História Geral*: 1 sala com 71 peças, a saber, 2 carrancas de proa, o Jarrão do Centenário de Brusque, o quadro de Destêrro pintado em 1867 por J. Brüggemann, medalhas, moedas, porcelanas, documentos, etc.
12. *História militar*: 1 sala com 116 peças, a saber, armas de fogo, armas brancas, munição, fardas, etc.
13. *História de Brusque*: 1 sala mantida pela Sociedade Amigos de Brusque com 75 peças, a saber, fotografias, documentos, restos da canoa que trouxe de Itajaí os primeiros imigrantes a Brusque, objetos relativos ao 1.º Centenário de Brusque, etc.
14. *História de Azambuja*: 1 sala com 40 peças, a saber, fotografias, telas, documentos, etc.

2.º ANDAR

15. *Generalidades*: 1 hall com 16 peças, a saber, 1 relógio e 1 sino que são os primeiros de Brusque, fotografias, imagens, mostra de tecidos brusquense, etc.
16. *Indústria caseira feminina*: 1 salão com 46 peças, a saber, conjunto de fiação e tecelagem caseira primitiva de algodão, conjunto de fiação e tecelagem caseira de seda, amostra de tecidos, etc.
17. *Indústria masculina*: 1 salão com 71 peças, a saber, conjunto de marcenaria e carpintaria, mineração brusquense de ouro, engenho de farinha, veículos, indústria de fumo, etc.
18. *Casa do imigrante*: 1 salão com 86 peças, a saber, rancho do imigrante, camas, berços, oratórios, fogão, guarda-louças, moinho de fubá, torrador de café, ralador de araruta, porcelanas, cômoda, catre, etc.

Compõe-se, pois o museu de 18 secções, com 19 salas e 4 salões onde estão expostas ao público 2.445 peças. O acervo do Museu juntamente com as 996 peças que estão no depósito é de 3.441 peças.

INAUGURAÇÃO — Na tarde de 3 de agosto de 1960, véspera do 1.º Centenário da Fundação de Brusque, foi inaugurado solenemente o Museu Arquidiocesano Dom Joaquim, conforme o programa seguinte: Hino do 75.º Aniversário de Azambuja. Discurso do Diretor do Museu Pe. Raulino Reitz. Descerramento do nome do Museu pelo Sr. Governador Heriberto Huelse. Hino do Centenário de Brusque. Leitura da Ata da Instalação do Museu pelo secretário Érico Contesini. Bênção do Museu por S. Excia. Dom Joaquim Domingues de Oliveira. Abertura do Museu por SS. Excias. Dom Joaquim Domingues de Oliveira e o Governador Heriberto Huelse.

Estavam presentes o Exmo. Sr. Governador do Estado Heriberto Huelse, Exmo. Sr. Dom Joaquim Domingues de Oliveira, dd. Arcebispo Metropolitano, Senador Irineu Bornhausen, Deputado Dr. Osmar Cunha representante do Congresso Nacional, Deputado Dr. Braz Alves Presidente da Assembléia Legislativa do Estado de Sta. Catarina, o Sr. Prefeito Municipal Dr. Carlos Moritz, Sr. Presidente da Câmara de Vereadores Sr. Carlos Boos, Secretários do Estado, Deputados, Autoridades civis, eclesiásticas, militares e uma massa popular de 400 pessoas.

VISITAS — O movimento de visitas do Museu é cuidadosamente anotado no livro dos visitantes. Durante o primeiro ano de funcionamento, a saber, desde 3 de agosto de 1960 (data da inauguração) até 31 de julho de 1961 contaram-se 15.711 visitantes o que dá uma média de 43 visitas por dia, ou seja, 1.309 visitas por mês.

Entre os visitantes contaram-se pessoas das mais variadas classes, entre as quais, artistas, técnicos de museu, professores, etc., levando todos uma ótima impressão, mostrando sua surpresa pelo número e valor das peças expostas. Os visitantes estrangeiros apreciaram mais a sala de imagens primitivas executadas no início de nossa colonização.

MOVIMENTO FINANCEIRO — Cobra-se desde a inauguração do Museu a entrada de Cr\$20,00 para adultos, Cr\$10,00 para estudantes e Cr\$5,00 para estudantes que vêm acompanhados do professor. O total das entradas no primeiro ano rendeu a quantia de Cr\$ 251.669,00.

NOVAS EXPOSIÇÕES — No primeiro ano de funcionamento do Museu a modificação mais expressiva se verificou na sala de História Geral. Foram introduzidas duas vitrines, sendo uma de medalhas comemorativas originárias do Vaticano e gentilmente doadas por S. Excia. Dom Domingues de Oliveira e outra de papel-moeda do período de inflação pós-guerra (1.º guerra mundial) da Alemanha.

No centro da sala, em aprazível móvel, exhibe-se o artístico e valioso Jarrão do Centenário de Brusque. É ornamentado em ouro e azul de cobalto. A Porcelana Schmidt nos presenteou esta peça única.

Na parede da mesma sala vemos uma tela pintada no século passado por J. Brüggemann representando Destêrro em 1867. Como a tela estava danificada foi gentilmente levada pelo Dr. Alfredo T. Rusins ao Patrimônio Histórico e Artístico Nacional onde foi restaurada com grande competência. Outra tela belíssima também foi exposta na parede da mesma sala. É um retrato fiel da localidade Dona Ema pintado a óleo e que nos foi ofertado pelo sr. C. Linden.

FECHAMENTO PROVISÓRIO DA CAPELA DO IMIGRANTE —

Alegando a falta de espaço durante o período da construção do novo prédio do Seminário a Reitoria do Seminário pediu o fechamento da sala da Capela do Imigrante, cujo acervo foi recolhido ao depósito.

DOAÇÕES — Dentre as 20 doações merecem menção especial uma série de medalhas comemorativas do Vaticano gentilmente doadas por S. Excia. Dom Joaquim Domingues de Oliveira; uma coleção de 46 armas cedidas pelo Governo do Estado através do Serviço de Fiscalização de Armas e Munições; 600 borboletas e mariposas colecionadas por Evaldo von der Osten e generosamente ofertadas por dona Ângela von der Osten. Entre outras doações recebemos aves empalhadas, armas, minérios, imagens antigas, objetos folclóricos, etc.

CONCLUSÃO — Foi coroada de pleno êxito a iniciativa da Arquidiocese de Florianópolis de organizar o Museu Arquidiocesano Dom Joaquim que neste seu primeiro ano de existência se tornou tão rico de coleções importantes. A meta da diretoria é melhorá-las em qualidade e tornar o Museu um centro cultural eficiente e vivo.

Azambuja — Brusque, 30 de outubro de 1961

P. Raulino Reitz — Diretor.

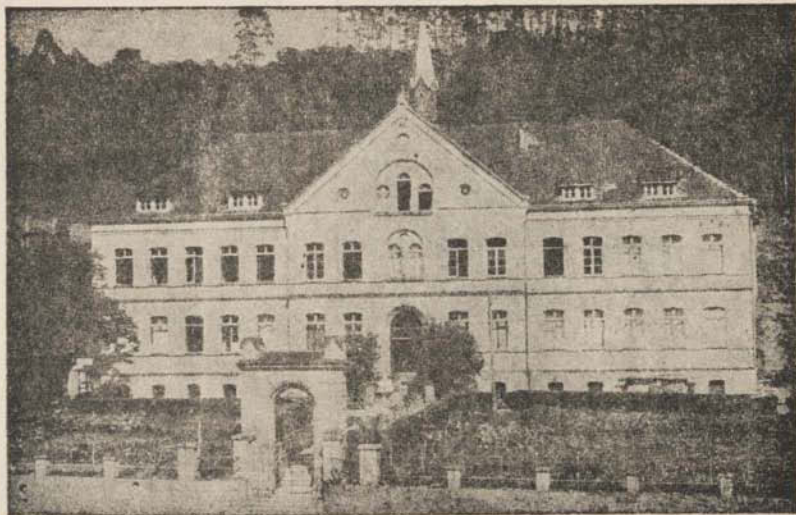


Nas páginas seguintes apresentamos alguns aspectos fotográficos do museu Dom Joaquim e de salas e objetos que o enriquecem, pedindo a atenção do leitor para essa obra cultural, que se realiza no município de Brusque, a que serve de padrão do adiantamento a que já atingiu a laboriosa gente daquele próspero município.



“KOSERITZ DEUTSCHE VOLKSKALENDER” — Notícia histórica — Índice sintético — Organizado pelo acadêmico S. Rüdiger — O Centro de Estudos Antropológicos e históricos da Faculdade de Filosofia da Universidade do Rio Grande do Sul acaba de distribuir, em volume mimeografado, de 22 páginas, êste interessante trabalho. O acadêmico S. Rüdiger, com a colaboração do Instituto Benno Mentz, de Pôrto Alegre, depois de um ligeiro histórico do calendário em língua alemã, que o jornalista, de gloriosa memória, Carlos von Koseritz editou na capital rio-grandense, de 1874 até 1938, com duas interrupções, apenas, (1919 e 1920), relaciona tôda a matéria contida nos sessenta e um volumes publicados, prestando, assim, um magnífico serviço aos pesquisadores que, nem sempre, dispõem de tempo para um exame minucioso de cada uma das edições do Calendário, em busca de assunto que os interessem. Trabalho paciente, cuidadoso, o estudo do sr. Rüdiger prestará, sem dúvida, grandes serviços aos estudiosos da história da imprensa teuto-bresileira e da sua influência nas relações dos colonos entre si e da sua atuação na vida nacional.

Muito agradecemos o exemplar que o Instituto Benno Mentz, a cuja frente se encontra o nosso dedicado e prestimoso amigo, sr. Lauro Mentz, nos enviou.

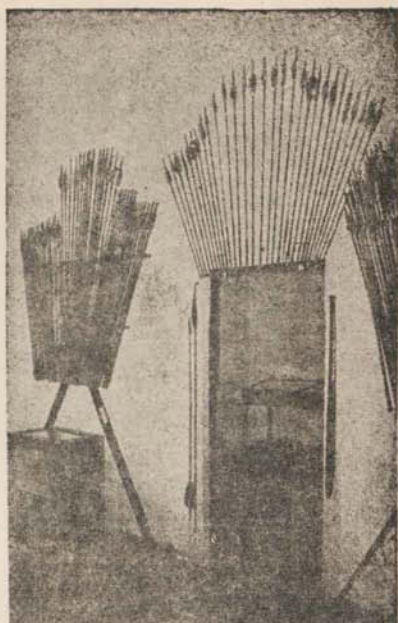


Vê-se, acima, o majestoso edifício do Museu Arquidiocesano Dom Joaquim, de Azambuja, município de Brusque. Foi levantado em 1907 pelo então vigário da paróquia, Padre Gabriel Lux. Serviu, primitivamente, como hospital. Depois e durante vários anos foi o seminário



archidiocesano por cujos bancos passaram muitos dos sacerdotes deste e de outros Estados brasileiros. Dom Jaime de Barros Câmara, eminente Cardeal-Arcebispo do Rio de Janeiro foi seu diretor por muitos anos. Transformado, agora, em Museu, guarda espécimes curiosos da nossa fauna e flora, além de objetos de grande significado para a História e a Arqueologia, como a Figura de Proa que vemos no clichê ao lado. Essa figura foi retirada de um veleiro antigo, abandonado no porto de Laguna, neste Estado. Trata-se de uma obra de arte grega, executada em pinho europeu e é uma das mais importantes peças museológicas brasileiras, no gênero. Atualmente, é diretor do Museu Arquidiocesano Dom Joaquim o ilustre padre Raulino Reitz, botânico dos mais ilustres e conhecido nos

meios científicos de todo o mundo pelos seus muitos e valiosos trabalhos sobre a flora catarinense. O Padre Reitz é, também, diretor do Herbário Barbosa Rodrigues, de Itajaí ao qual tem prestado assinalados serviços.



Esta página apresenta alguns aspectos de peças que figuram no Museu Arquidiocesano Dom Joaquim, de Azambuja, em Brusque. Em cima, o grupo de imagens de Nossa Senhora do Destêrro que eram veneradas, até o comêço do século em curso, na antiga igreja matriz do Destêrro, hoje catedral de Florianópolis. Essas imagens foram posteriormente substituídas pelo magnífico grupo em madeira, ainda hoje exposto na catedral da capital do Estado, grupo que é uma das mais expressivas obras de arte religiosa existentes no Brasil.

Ao lado, vista de parte da importante coleção de armas e apetrechos dos índios que habitavam o território catarinense, desde o Vale do Itajaí até as terras de Tubarão. Esta é uma das seções do Museu que atrai mais os visitantes pela variedade das peças expostas e pelo seu significado no estudo da etnografia catarinense.



Em baixo, vista de uma das vitrines destinadas a exemplares da fauna catarinense. Mais de 200 animais empalhados nela figuram, dando uma idéia da riqueza e variedade dos habitantes das nossas matas, rios e campos. O Museu Arquidiocesano guarda muitos outros espécimes e documentos de grande valor para exame de observações dos estudiosos.

“Estante dos “Cadernos”

“O NOSSO CRUZ E SOUZA” — Henrique da Silva Fontes — Florianópolis — 1961 — O eminente mestre, desembargador Henrique Fontes, sem favor uma das mais expressivas figuras da intelectualidade brasileira contemporânea, deu publicidade, em bem impresso folheto, ao discurso que pronunciou, no Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, por ocasião das comemorações do centenário de Cruz e Souza, em dezembro do ano passado.

O autor focaliza o extraordinário poeta de um ângulo muito original e interessante: a sua vida de menino de escola, no Ateneu da velha Destêrro, onde sempre se destacara pela sua inteligência e grande amor ao estudo. Narra fatos edificantes, que honram a memória do prêto genial, glória das letras nacionais e, sem dúvida, o maior poeta simbolista brasileiro.

Mestre Henrique Fontes traz à baila a discutida hipótese de ter sido Cruz discípulo do grande Fritz Müller, para afirmar-lhe a possibilidade contra a negativa dos que, sem mais aprofundadas pesquisas, contestam simplesmente o fato. Tendo feito minuciosos estudos e profundas indagações, o erudito autor demonstra que militam em favor da exatidão dos informes dados, por Victor Konder, ao grande Roquete Pinto, de que o aluno prêto, a que Fritz Müller se refere, em uma de suas cartas, foi Cruz e Souza.

Pela sua originalidade, pela correção da linguagem em que está vazado, pela beleza e amenidade do estilo, pela erudição que ressumbra do contexto, o trabalho do erudito desembargador Fontes é mais uma preciosidade que vem distinguir e enriquecer as letras catarinenses.

Agradecemos o exemplar que nos foi oferecido e apresentamos ao desembargador Fontes os nossos parabéns.

Em dezembro dêste ano, transcorrerá o centenário do aparecimento, em Joinville, do “Kolonie Zeitung”. Seu primeiro número apareceu em 20 de dezembro, tendo publicação ininterrupta por quase um século. Durante os anos da última guerra mundial teve que suspender a sua publicação, como muitos outros órgãos escritos em língua alemã. Prestou assinalados serviços ao desenvolvimento econômico e cultural do Estado. A data será, certamente, lembrada pela população de Joinville e festejada condignamente.



Ainda em janeiro de 1863 transcorrerá o centenário do nascimento de Carlos Hoepcke, o extraordinário homem de negócios que, vindo para Santa Catarina (Blumenau) como simples colono, chegou a ser dono do maior estabelecimento comercial do Estado, fundador de indústrias e de uma companhia de navegação marítima, empreendimentos que exerceram e exercem ainda significativa influência na economia nacional.

A VIDA DE BLUMENAU HÁ 60 ANOS

Oto STANGE

(Tradução de Frederico Killian)

(CONTINUAÇÃO)

No Trapiche da Casa Altenburg ainda estão descarregando uma lancha, ferro em barras, caixas com vidraças, barricas de cimento, máquinas e instrumentos agrícolas ainda são levados ativamente ao depósito. Ferdinando Altenburg, o mais moço dos filhos, dá um pulinho, atendendo a um chamado do Sr. Veiga, o telegrafista, para buscar um telegrama que chegara naquele momento. A senhora Rodolfo Altenburg espera na frente da porta da residência e interpela Ferdinando antes dêste desaparecer no negócio: "Boas notícias? — Creio que sim, Rodolfo voltará em breve com o vapor "Santos", tem ainda alguns negócios a tratar em São Paulo, no mais vai tudo bem.

Descendo o caminho do convento, montados em seus muares, chegam dois padres e, já na rua, se despedem: Bem, então boa viagem, e dê lembranças ao pessoal do Belchior; quando eu voltar do Encano, passarei por lá, pois tenciono ir a Luiz Alves — Deus convosco! — e assim cada um segue rumo oposto, um para Belchior e outro rua acima em direção a Encano. Continuando nossa caminhada passamos pelo depósito do negócio de Nienstaed & Rabe, defronte ao qual está parada uma carroça com tolda, puxada por quatro cavalos. Deve ter chegado de Massaranduba. Artur Rabe e o bolieiro estão descarregando as mercadorias trazidas da colônia. Os cavalos já foram desatrelados e um menino os leva para a cocheira. Leopoldo Rabe pega os sacos e com um empregado os leva para o interior do armazem. O Sr. Nienstaedt, com papeis na mão controla o desembarque das sacas de milho e feijão e também dos barris com banha e manteiga, anotando tudo para registrar a entrada nos livros da firma. Da linda Vila do outro lado, ouvem-se as alegres vozes dos jovens rebentos Rabe, em animada conversa e também as filhas de Fides Dikee, ao lado, estão brincando no grande jardim que rodeia esta linda mansão, recém-construída. São dois prédios que demonstram o progresso de Blumenau e o bom gosto de sua gente, mas principalmente a competência do arquiteto Krohberger que sabe dar a cada casa que projeta, uma nota original, que ainda após várias gerações, daqui há uns cem anos, continuará a embelezar a cidade, com suas linhas arquitetônicas.

Para o lado do rio, no tópo da escadaria da velha casa da família Rabe, está o alfaiate Ringling, recém-imigrado da Alemanha. — Como vai, Sr. Ringling, tudo bem? — Obrigado, serviço bastante. Quero mostrar à gente daqui, como deve assentar um bom terno. Estou satisfeito com o comêço aqui em Blumenau. Hermann Baumgarten, sentado na varanda de sua casa, estava estudando as mais recentes notícias vindas do Rio e do exterior, ouvindo a voz estridente do alfaiate e suas palavras, observa, com um aceno de cabeça: Folgo em saber que o senhor está satisfeito, Sr. Ringling, um bom ofício garante um próspero futuro. Nós jornalistas não levamos uma vida tão fácil, os leitores nunca estão satisfeitos conosco, mesmo se imprimíssemos o jornal com letras de ouro, sempre têm algo de reclamar. Estamos lutando já há mais de vinte anos com os leitores e com a política, mas não conseguimos satisfazer a todos. É uma vida pesada; estou certo que não ficarei velho. — Nós retrucamos: Pois é isso, cada um tem suas preocupações e seus aborrecimentos. A seu modo, a Sra. Jenny Petters, ali do outro lado da rua, leva uma vida mais calma e feliz. Planta o seu aipim, cria seu gado, suas galinhas e gansos e está satisfeita. Descemos a ladeira e ao atravessarmos o canal do Petters, observamos como uma boa dúzia de gansos, vindos do rio, majestosamente riacho acima, sobem o barranco, sacodem as penas alvas e procuram o seu ranchinho. Doutro lado do canal, somente avistamos agora capoeira de ambos os lados da rua. Parece até que a cidade termina aqui, pois num trecho de cerca de cem metros, só capoeiras. O fiscal Wehmuth deveria intimar essa gente a roçar os seus terrenos. Mas mais adian-

te deparamos com o muro alto defronte à propriedade do Sr. von Ockel. Do lado oposto, o Sr. Caetano Deeke instalou-se com um negócio de papelaria e livraria. Depois vem o armazém de cal e sal de F. G. Busch e logo em seguida a sua casa residencial com jardim na frente e ao lado a casa de negócio, de onde exporta banha e manteiga. O pessoal ainda está pregando as últimas caixas e o Sr. Busch está ao lado, uma mão no bolso e assobiando uma alegre melodia de uma opereta. Sabe lá o que êle está idealizando novamente, talvez a instalação de luz elétrica para Blumenau, ou a construção de uma linha de bonde até Altona, pois a concessão para isso já tem há anos. Ou será que está pensando no automóvel que encomendou na Alemanha? Não deve demorar a chegar e será o primeiro aqui em Blumenau. Estará êle pensando seriamente na construção de uma fábrica de fósforos? Ouviram-se rumores a respeito, ou dará preferência à uma fábrica de gelo? Dizem que quer mandar vir um aparelho cinematográfico para entreter os blumenauenses, cujo único divertimento até agora sempre foram os bailes aos sábados e umas duas festas de atiradores por ano. Talvez esteja pensando em tudo isto, enquanto assobia. Gente assim como o nosso Fritz Busch, Blumenau precisa e deveria ter mais alguns, com coragem de iniciativas próprias, para acelerar o progresso da cidade e dar mais vida ao nosso comércio.

Mas o que será que estão fazendo lá em frente da casa do Sr. Bernhardt? Porque estão rolando alguns blocos brancos e grandes para o lado da porta? Vamos ver. — Isto não é de pedra, não, meu amigo, diz o Sr. Bernhardt, são vértebras de baleias que trouxemos de Armação, onde estivemos, passando uns dias na praia. Em Armação havia antigamente uma estação de pesca de baleias e lá ferviam o azeite. Uns ossinhos bonitinhos não é? Si alguém, ao comer peixes se engasgasse com uma vértebra desta, esticava logo as canelas. A propósito, hoje à noite temos baile em meu salão, é público, mas desde logo estão convidados.

Augusto Werner com seus filhos vai tocar hoje à noite juntamente conosco para o baile. Vai ser uma orquestra de arromba. O Sr. vai ficar logo aqui, não é — Não pode? Oh, que pena. Não sabe que divertimento vai perder.

O vizinho ao lado, Alfalate Gruner também está apreciando as imensas vértebras, chama sua mulher, e ambos, por cima de seus óculos admiram a ossada; Ernesto Diehm, o seleiro, também se aproxima com passos lentos e acena a seu ajudante, Heinrich Pasold, para vir ver aquilo. — Isto são ossos; se tivéssemos que fazer correames para uns bichos destes, que tal? Deveríamos ter uma oficina maior do que o salão do Sr. Bernhardt e uma fôrma para o peitoral do diâmetro do maior tónel. O Sr. Theophilo Eggert porém, proprietário da livraria ao lado da casa de Diehm diz: Estes ossos não são dos maiores, devem ser de um cachalote, pois as baleias do Mar Ártico são bem maiores. Quero lhes mostrar, na minha enciclopédia "Meyers Lexicon" que acabo de receber da Alemanha, o que esta obra diz das diferentes espécies de cetáceos. Entramos na livraria do Sr. Eggert, que duma prateleira tirou o 12.º volume do "Lexicon de Meyer" — letras WA-ZZ. Mas já estava um pouco escuro para ler a letra miúda. Foi buscar o lampião de querozene e nervosamente começou a tirar a fuligem do pavio antes de acendê-lo, enquanto seu queixo punha seu cavanhaque branco em movimentos convulsivos. — Limpou seus dedos na jaqueta, antes de começar a folhear o volume da enciclopédia. Enquanto isso nós demos o fora, de mansinho. Na casa vizinha, estava em letreiros grandes escrito numa tabuleta: RUDOLF KRAUSE. Ao lado, na esquina que vai para a Velha, havia um fundamento, com um porão aberto; foi construído para um prédio novo, porém, já há anos, sem que êsse prédio tenha sido levantado. Parado, na esquina, o senhor Krause, com os polegares enfiados em seu colete, como que esperando por alguém, olha para a outra esquina da estrada da Velha, onde se acha o negócio de "Hermann Ruediger & Filhos". Não demora muito e o Sr. Hermann Ruediger, chefe da firma, aparece na varanda de sua casa. O Sr. Ruediger é ao mesmo tempo maestro de uma banda de música e dirigente de câoros orfeônicos em Sociedades de Cantos. Ao ver seu vizinho Krause, acena-lhe com a mão, desejando-lhe uma boa noite. Krause, por sua vez, doidinho por um bate-papo, atravessa a rua e depois de cumprimentar seu vizinho, começa logo a falar de seus negócios: "Só lhe posso afirmar que tão logo o caso na Barra do Rio estiver solucionado, vai ser um negócio de milhões. São milhões, senhor vizinho. Amanhã mesmo tenho que falar com o Dr. Manoel Barreto, o Promotor; também o Escri-

Períodos de 1956 a 1961 até a atualidade

Eleito, em 1955, por expressiva maioria, para novo período administrativo, o sr. Frederico Guilherme Busch Júnior assumiu o governo do município a 31 de janeiro do ano seguinte.

A respeito desse esforçado blumenauense e da sua atuação à frente dos negócios administrativos da nossa comuna, já tivemos oportunidade de tratar na nossa edição de outubro do ano passado.

Busch que, cronologicamente, nessa segunda gestão, foi o 32.º administrador de Blumenau, desde a sua emancipação política, governou até 31 de janeiro de 1961, data em que passou o exercício do cargo de prefeito ao seu sucessor, eleito em outubro de 1960, num dos mais renhidos pleitos já travados em Blumenau, o sr. Hercílio Deeke que iniciava o seu segundo período administrativo.

Também a respeito deste dedicado blumenauense fizemos referências quando tratamos da sua primeira administração, no número de novembro do ano passado, destes CADERNOS.

Hercílio Deeke, como o seu antecessor, está se devotando, com carinho, à defesa dos interesses de Blumenau, fazendo o possível para suprir as deficiências administrativas, para atender-lhe às necessidades, que são muitas.

Ainda é cedo para se opinar sobre o trabalho que um e outro desses administradores realizaram à frente dos interesses municipais. Mas, dados os seus reconhecidos méritos de homens de bem e patriotas, que ambos são, só poderemos encontrar motivos para acreditar que Blumenau não será decepcionado com a atuação desses seus filhos, que sempre o souberam estimar e honrar.

Terminando, com esta ligeira notícia, a série de apontamentos relativos aos administradores que Blumenau tem tido, desde a sua elevação a município, fazemos votos para que, daqui por diante, o povo continue a escolher os seus dirigentes com o critério e o espírito de civismo com que soube, até aqui, selecionar, entre os blumenauenses, os mais dignos e os mais capazes, dispostos a todos os sacrifícios, a todas as renúncias, para elevarem sempre mais o nome da nossa terra, padrão de honradez, exemplo de atividade sã e patriótica.

Que prefeitos e vereadores, nos tempos por vir, saibam ser dignos dos que os precederam na guarda das nossas tradições de trabalho honrado e construtivo, de incondicional dedicação pela grandeza e pela glória da pátria que tanto amaram e tão bem serviram e continuam servindo.

vão Francisco Margarida tem que tratar do assunto. Eu tenho que falar com ambos, para que o caso tenha seu andamento rápido e não fique engavetado. Com o Sr. Margarida ainda poderia falar hoje à noite, pois vejo luz em seu cartório. Mas estou vendo o Dr. Barreto atravessar a rua e dirigir-se à casa do Sr. Margarida. Bem, se os dois ainda têm uma grande conversa a fazer hoje à noite, tenho que esperar até amanhã. Paciência.

ESCREVE:

CHRIST. DEEKE

Aconteceu...

SETEMBRO DE 1961

As condições de incerteza na política do país, surgidas após a renúncia do presidente Jânio Quadros e que perduraram até a posse do seu sucessor legal, sr. João Goulart, preocupam, como em todo o território nacional, a opinião pública blumenauense, mantendo-se, geralmente, as discussões dentro do critério elevado com que também os homens responsáveis, nestes dias, pelo destino do Brasil, procuraram e encontraram a solução para a crise política.

O 23.º R.I., o "Sentinela do Vale" tem papel de destaque na crise da primeira semana do mês, deslocando grupos do seu contingente para a garantia da ordem e segurança em pontos estratégicos do Vale do Itajaí e do Estado, requisitando caminhões particulares para transporte de praças, quando, no auge dos acontecimentos, unidades da marinha de guerra se encontraram ancoradas no porto de Itajaí e forças do 3.º Exército, das guarnições do Rio Grande do Sul, avançaram até Crisciúma, no nosso Estado.

Num dos órgãos da imprensa local, o comandante do 23.º R.I., Cel. Newton Machado Vieira, refuta uma notícia do jornal "Lume" (n.º 834) segundo o qual o Regimento teria tomado posição de neutralidade indefinida, esclarecendo que a unidade se manteve fiel no cumprimento das ordens emanadas dos comandos aos quais é sujeita.

1 a 7 — Em vista da situação política, as festividades e comemorações da SEMANA DA PÁTRIA, como da data magna da Nação, são canceladas, segundo decisão e comunicação conjunta do Executivo Municipal e do comando da praça. A maioria das

casas comerciais, entretanto, ostentam as vitrines decoradas nas cores nacionais, ou com alegorias relativas à data.

2 — Também o 111.º aniversário da fundação de Blumenau decorre sem as costumeiras comemorações, promovendo a Prefeitura, apenas, a colocação de coroas de flôres no monumento ao fundador da cidade e no Marco dos Imigrantes, tendo proferido a oração oficial do dia o dr. Klaus Hering, ao microfone da PRC-4.

— Devido à prolongada estiagem, ocorrida nesta região, a Empresa Fôrça e Luz Santa Catarina S/A, introduzira no mês passado o racionamento de energia elétrica, com planos cada vez mais rigorosos. As chuvas que começaram a cair, desde o início do mês, causaram regozijo à população pelo melhoramento da situação no fornecimento de fôrça e luz, pondo fim aos prejuízos sofridos no setor industrial e às incômodas restrições na vida doméstica. Continuando, entretanto, a chover, com curtos intervalos, verifica-se a grande enchente de que demos detalhada notícia em outra edição deste mensário.

8 — Com a cheia do Itajaí-açu, flutuou a carcassa do velho vapor "Blumenau", encalhado, durante anos, na foz de um ribeirão em Itoupava-Séca e que já vinha sendo preparado, há tempos, carinhosamente, pela diretoria do "Kennel Club de Blumenau", pelo trabalho gratuito de mecânicos, para esta sua última viagem, não mais impulsionada pelo vapor das máquinas outrora existentes em seu bojo e que moviam as grandes rodas laterais, mas sim equilibrado em tambores cheios de ar, re-

bocado por duas lanchas. Espou-
caram foguetes em regosijo à che-
gada da velha embarcação à praia
de Ponta Aguda, onde será con-
dignamente instalada como uma
reliquia que é do passado blume-
nauense.

11 — Consternada, recebe a po-
pulação a notícia da morte
repentina da jovem senhora Isol-
de Wahle Stodieck, de tradicional
família local, domiciliada em Flori-
anópolis e que, no restaurante
"Gruta Azul", da nossa cidade,
jantara alegremente, na noite an-
terior, em companhia do marido.

— No mesmo dia morre em
Gaspar o jovem Renato
Zimmermann, ao tombar com um
trator nas águas barrentas do
Gasparinho. A U.B.E. decreta
luto por três dias em homenagem
à memória do companheiro desa-
parecido.

11 — Durante os temporais que
provocaram as enchentes
dêste mês, morrem em Rio do Sul,
atingidos por um raio, os jovens
Teófilo Sofka e Avelino Dage-
nhardt.

14 — Ocorre suicídio na ponte
"Irineu Bornhausen", inge-
rindo formicida o sr. Onildo Tris-
tão da Silva, de 37 anos.

15 — No Teatro "Carlos Gomes"
realiza o missionário Alfre-
do Pfeiffer uma série de conferên-
cias evangélicas, com grande as-
sistência, encerradas na primeira
metade do mês.

21 — No "dia da árvore" publica
"A NAÇÃO" um trabalho de
equipe de alunos do Colégio Santo
Antônio, da 2.^a série, os jovens
Querelo Kitto, Hermes Palumbo,
Carlos Sanches e Herbert Ode-
brecht, fazendo-o acompanhar das
seguintes palavras: "pela perfei-
ção da forma literária, oportuni-
dade, beleza de conceitos e alto
sentido cívico e humano, damos
na íntegra o trabalho".

28 — Durante o mês visitaram
Blumenau: o Adido de Im-
prensa da Embaixada da Repúbli-
ca Federal da Alemanha, com se-

de no Rio de Janeiro, que, em
companhia do sr. Leopoldo Rich-
ter e do titular do sub-consula-
do alemão local, sr. Paulo Koch,
percorre as entidades de imprensa
e estações de rádio;

o jornalista José Jamachiro, do
corpo de redatores da revista VI-
SÃO, aqui chegado na última se-
mana do mês, no intuito de reco-
lher material para uma reporta-
gem que aquela revista pretende
publicar sobre Blumenau, Joinvil-
le e Brusque;

a treinadora-chefe da região
sul do país, do movimento juve-
nil feminino "Bandeirantes", srta.
Carmen Englert, de Pôrto Alegre
e que visita as organizações desta
cidade.

29 — Para participar dos II Jogos
Abertos em Florianópolis
parte uma representação blume-
nauense de esportistas (atletismo
masculino e feminino, basquete,
voleibol e xadrez) sob a chefia dos
srs. Alfredo Iten e Victor Pedro
Garbe.

23 — Falece o sr. Dino Balsini,
chefe de família redicada há
muito nesta cidade.

23 — A Sociedade Dramático-Mu-
sical Carlos Gomes apresen-
ta magnífica noite de arte. A
primeira parte esteve a cargo do
Côro Orfeônico Mixto do Teatro
e a segunda constituída de baila-
dos dos alunos do Conservatório
"Curt Hering" o qual, sob a regên-
cia da professora sra. Inês Poller
executou o argumento "O ciclo da
vida", com acompanhamento da
orquestra sinfônica, sob a batuta
do máestro Heinz Geyer.

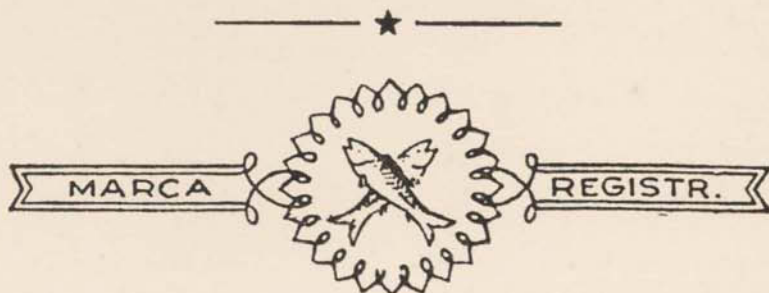
— Na sede social do S.R.E.
Ipiranga, de Itoupava Sêca,
realiza-se um "bingo social", em
benefício do Jardim da Infância
"Princesa Isabel", daquele bairro.

30 — No mesmo local, realiza a
U.B.E. o baile de coroação
da sua rainha, srta. Maria Souza
Veiga.

— Reprise, em benefício do
movimento "Bandeirantes",
do festival artístico que a Soc.
"Carlos Gomes", levava a efeito a
23 do corrente.

INDÚSTRIT TÊXTIL COMPANHIA HERING

BLUMENAU — Estado de Santa Catarina — BRASIL
RUA HERMANN HERING, 1790 — CAIXA POSTAL N.º 2
TELEGR.: "TRICOT"



Fábrica de Artefatos de Malhas

FUNDADA EM 1880

CONTRIBUINDO PARA A

GRANDEZA DO BRASIL

EM SEU COMÉRCIO

E INDÚSTRIA

Fábrica de Artefatos Têxteis

ARTEX S. A.

FIAÇÃO E TECELAGEM

Rua Progresso, 150 — Fone 1.008.

Caixa Postal, 10.

Fábrica especializada em:

★ TECIDOS FELPUDOS

★ TOALHAS DE ROSTO

★ PISOS PARA BANHEIROS

★ TOALHAS DE BANHO

★ ROUPÕES DE BANHO, etc.

B L U M E N A U

Santa Catarina